

# **PESQUISA IBOPE / INSTITUTO AVON**

## **PERCEPÇÕES E REAÇÕES DA SOCIEDADE SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

**2009**

### **PARCERIAS**

**INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO**  
Planejamento e supervisão da pesquisa

**IBOPE INTELIGÊNCIA**  
Campo nacional da pesquisa

**Perfil Urbano Pesquisa & Expressão**  
Análise dos dados

## Sumário

### Principais resultados da Pesquisa Ibope / Instituto Avon (2009)

- 55% dos entrevistados conhecem casos de agressões a mulheres
- Com medo de morrer, mulheres não abandonam agressor
- 39% dos que conhecem uma vítima de violência tomou alguma atitude de colaboração com a mulher agredida
- 56% apontam a violência doméstica contra as mulheres dentro de casa como o problema que mais preocupa a brasileira
- Houve expressivo aumento do conhecimento da Lei Maria da Penha de 2008 para 2009, de 68% para 78%
- Maioria defende prisão do agressor (51%); mas 11% pregam a participação em grupos de reeducação como medida jurídica
- Na prática, a maioria não confia na proteção jurídica e policial à mulher vítima de agressão
- 44% acreditam que a Lei Maria da Penha já está tendo efeito
- Para a população, questão cultural e álcool estão por trás da violência contra a mulher
- 48% acreditam que exemplo dos pais aos filhos pode prevenir violência na relação entre homens e mulheres

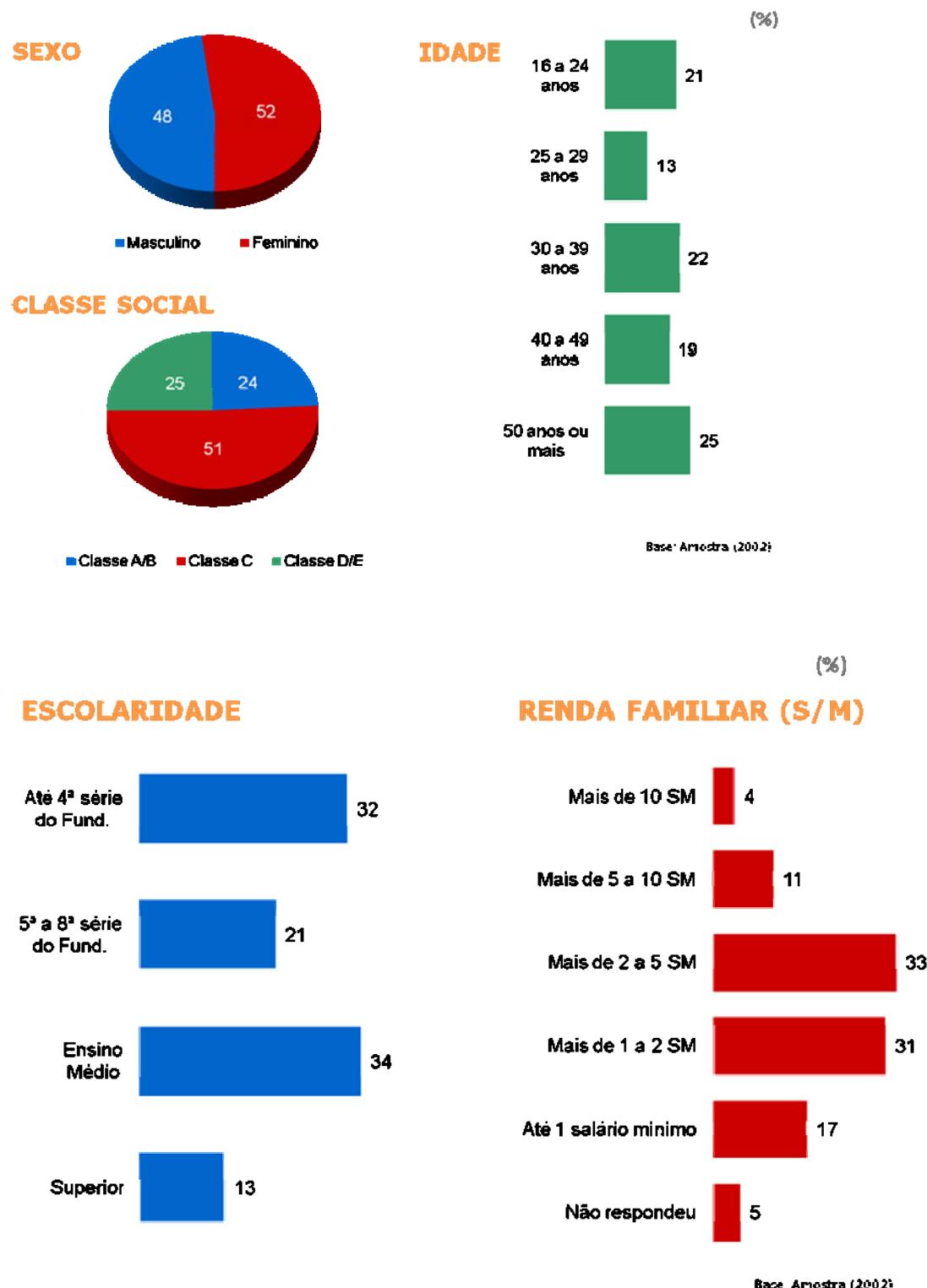
## INTRODUÇÃO

### METODOLOGIA

Pesquisa quantitativa, com aplicação de questionário estruturado através de entrevistas pessoais.

OBJETIVO GERAL	Levantar a opinião dos brasileiros sobre violência contra a mulher
LOCAL DA PESQUISA	Brasil
UNIVERSO	População com 16 anos ou mais
PERÍODO DE CAMPO	13 a 17 de fevereiro de 2009
DIMENSIONAMENTO	2002 entrevistas
MARGEM DE ERRO	O intervalo de confiança é de <b>95%</b> , e a margem de erro máxima é de <b>2</b> pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra

## Perfil da Amostra



## REGIÃO

{%}

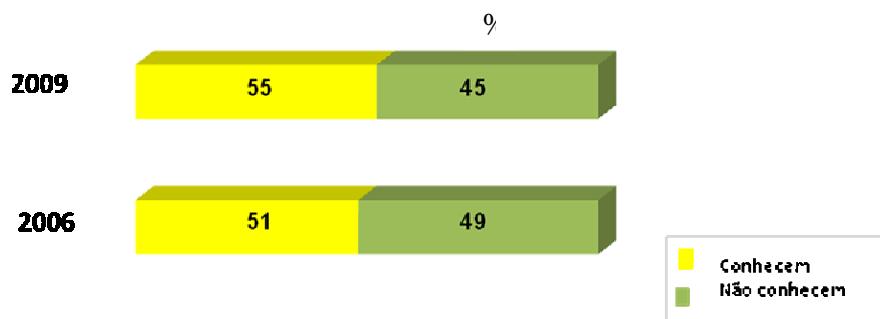


# PRINCIPAIS RESULTADOS

## 55% conhecem casos de agressões a mulheres

Entre 2006\* e 2009 aumentou de 51% para 55% o número de entrevistados que declararam conhecer ao menos uma mulher que já sofreu ou sofre agressões de seu parceiro ou ex. Este percentual confirma a tendência de crescimento observada nos últimos levantamentos e indica que é contínuo o avanço da discussão sobre violência doméstica na sociedade.

Alguém que sabe de uma vítima tende a se preocupar com a questão. Mas há com certeza a influência da Lei Maria da Penha, que trouxe o debate para a mídia e consequentemente deixou as pessoas mais informadas e suscetíveis ao problema.



Pergunta: Você conhece alguma mulher que sofre ou já sofreu agressões de seu parceiro ou ex-parceiro, seja seu marido, namorado etc.?

\* A pesquisa IBOPE / INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO sobre violência contra a mulher foi realizada em maio de 2006, antes da aprovação da Lei Maria da Penha, que entrou em vigor em setembro de 2006.

**Observa-se que mais pessoas passaram a reconhecer fatualmente o problema, com destaque para a Região Nordeste**

"Você conhece alguma mulher que sofre ou já sofreu agressões..."	Conhece (%)		Não conhece (%)	
	2006	2009	2006	2009
Base: Amostra (2002)				
Norte/ C. Oeste	51	55	49	45
Nordeste	53	60	47	40
Sudeste	49	54	51	46
Sul	51	53	49	47

Fontes: Ibope / Themis (2008) e Ibope / Instituto Avon (2009).

### **Segmento feminino tem mais conhecimento de agressão a mulheres (62%)**

As mulheres expressam maior familiaridade com esse drama, apresentando um significativo aumento do nível de conhecimento sobre casos de agressão. Em 2006, 54% das mulheres afirmaram conhecer ao menos um caso de violência contra a mulher. Já em 2009, com a Lei Maria da Penha em vigor, este percentual subiu para 62%, enquanto entre os homens não houve alteração.

"Você conhece alguma mulher que sofre ou já sofreu agressões..."	Conhece (%)		Não conhece (%)	
	2006	2009	2006	2009
Base: Amostra (2002)				
MULHERES	54	62	46	38
HOMENS	47	48	53	52

Fontes: Ibope / Themis (2008) e Ibope / Instituto Avon (2009).

Pergunta: Você conhece alguma mulher que sofre ou já sofreu agressões de seu parceiro ou ex-parceiro, seja seu marido, namorado etc.?

## Com medo de morrer, mulheres não abandonam agressor

A pesquisa perguntou aos entrevistados qual razão ele via no fato de a mulher agredida continuar a relação com o agressor: 24% disseram que é a falta de condições econômicas para viver sem o companheiro e 23% citaram a preocupação com a criação dos filhos. O terceiro motivo chama a atenção pela gravidade: 17% dos entrevistados acreditam que as mulheres não abandonam o agressor com medo de serem mortas caso rompam a relação.

### Razões que levam uma mulher a continuar a relação com o agressor (uma opção)



Base: Amostra (2002)

Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

Pergunta: Na sua opinião, o que mais leva uma mulher a continuar numa relação na qual é constantemente agredida fisicamente e/ou verbalmente pelo companheiro?

O medo da morte foi citado em maior porcentagem pelos segmentos de menor poder aquisitivo e menos escolaridade e pelos entrevistados mais jovens.

- ➔ Jovens de 16 a 24 anos (23%), cerca de 10 pontos percentuais superior aos segmentos mais velhos
- ➔ Da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série (22%), maior percentual no segmento escolaridade
- ➔ Entre as regiões, no Nordeste o medo de ser morta possui o maior índice (20%), nove pontos a mais que a Sul (11%), região que registrou menor taxa

## Razões que levam uma mulher a continuar a relação com o agressor

(%) Base: Amostra (2002)	Falta de condições econômicas	Preocupação com a criação dos filhos	Medo de ser morta caso rompa a relação	Falta de auto-estima	Vergonha de admitir que é agredida	Vergonha de se separar	Dependência afetiva	Obrigação de manter o casamento
Total	24	23	17	12	8	6	4	4
<b>SEXO</b>								
Masculino	24	25	16	11	7	8	4	4
Feminino	24	20	18	13	8	5	5	4
<b>IDADE</b>								
16-24	23	21	23	11	6	6	5	3
25-29	20	25	17	11	8	7	4	5
30-39	27	23	14	12	9	5	5	4
40-49	23	25	14	14	9	6	4	3
50+	23	20	16	12	5	8	5	5
<b>ESCOLARIDADE</b>								
até 4º (fund.)	20	28	15	10	5	8	5	5
5º a 8º (fund.)	20	24	22	12	7	7	3	2
Ensino médio	27	19	17	14	9	5	4	4
Ensino superior	32	16	12	14	11	4	6	3
<b>REGIÕES</b>								
Norte / C.Oeste	22	24	14	14	8	6	5	5
Nordeste	28	20	20	8	6	8	5	3
Sudeste	23	21	18	13	9	6	5	4
Sul	20	30	11	15	8	5	2	4
<b>CONDIÇÃO DO MUNICÍPIO</b>								
Capital	30	15	16	13	9	5	5	5
Periferia	25	23	18	16	6	4	2	2
Interior	21	26	17	11	8	7	5	4

Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

Pergunta: Na sua opinião, o que mais leva uma mulher a continuar numa relação na qual é constantemente agredida fisicamente e/ou verbalmente pelo companheiro?

## 39% dos que conhecem uma vítima de violência tomaram alguma atitude de colaboração

Dos entrevistados que têm conhecimento sobre casos de violência doméstica, 39% tomaram alguma atitude de colaboração com mulher agredida, enquanto 17% preferiram se omitir. As mulheres demonstram maior disposição em contribuir com as vítimas: 47% delas tomaram algum tipo de atitude, enquanto o percentual de homens que agiram foi de 31%.

Conversar com a vítima é a forma de contribuição mais usual (23%) entre as mulheres, seguida da orientação de busca de ajuda jurídica/policial (20%)



Base: Amostra (2002)

Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

Pergunta: Você conhece alguma mulher que sofre ou já sofreu agressões de seu parceiro ou ex-parceiro, seja seu marido, namorado etc.? (CASO SIM) Você contribuiu de alguma forma para ela sair dessa situação?

## 56% apontam a violência doméstica contra as mulheres dentro de casa como o problema que mais preocupa a brasileira \*

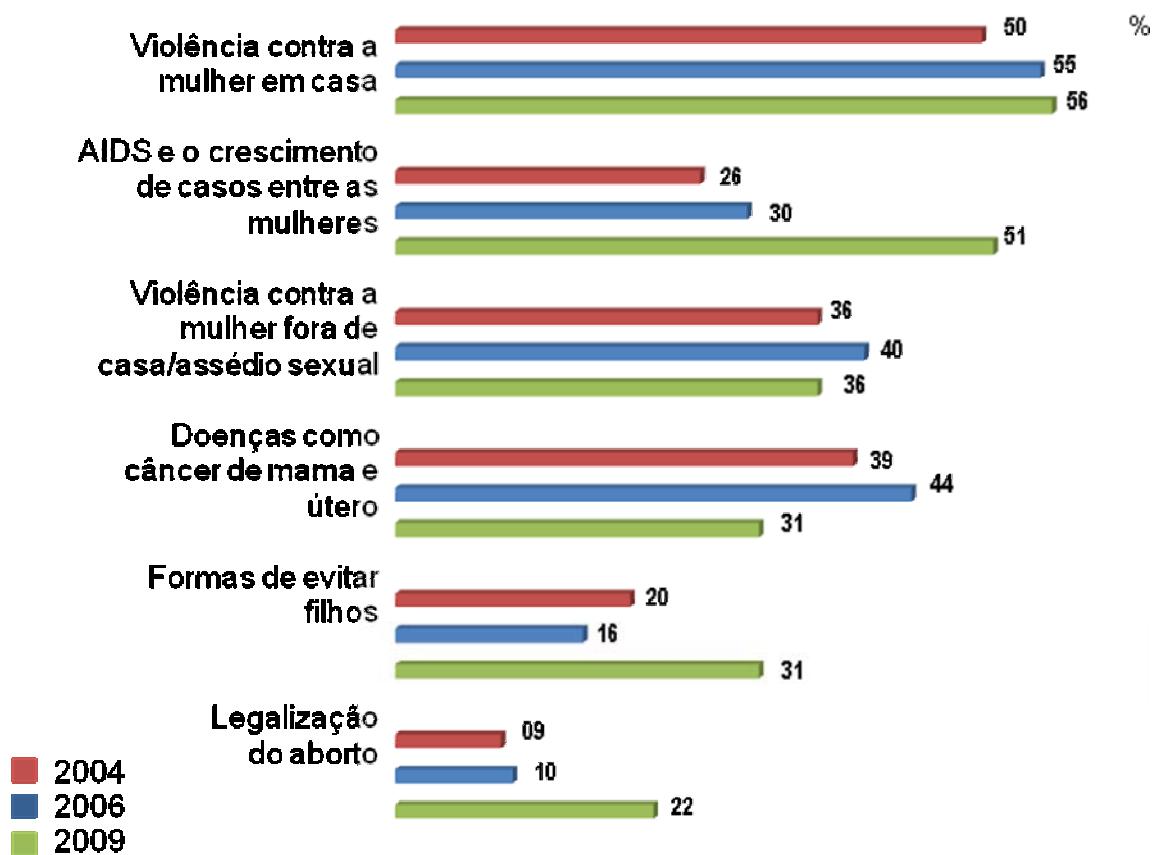
Homens e mulheres ouvidos – independentemente de terem sido vítimas ou não de agressão – afirmam que a violência contra a mulher dentro de casa é o tema que mais preocupa as brasileiras. Esta preocupação vem crescendo desde 2004, quando 50% pensavam assim, subindo para 55% em 2006 e para 56% em 2009.

O questionário perguntava qual preocupação vinha em primeiro, segundo e terceiro lugares. O resultado da tabela abaixo é a somatória das três menções.

\* A pesquisa IBOPE / INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO sobre violência contra a mulher foi realizada em maio de 2006, antes da aprovação da Lei Maria da Penha, que entrou em vigor em setembro de 2006.

## Temas que mais preocupam a mulher atualmente

Pergunta: Aqui estão alguns assuntos que as mulheres têm, nos últimos tempos, discutido bastante. Na sua opinião, pelo que você sabe ou ouve falar, qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente? (1<sup>a</sup> + 2<sup>a</sup> + 3<sup>a</sup> lugar)\*



Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

(\*) Respostas múltiplas

## Cresce preocupação com violência contra a mulher nas pequenas cidades e nos segmentos de baixa renda

Observando-se o perfil de preocupação em relação à violência doméstica, a pesquisa revela crescimento nos seguintes segmentos:

**POR ESCOLARIDADE** → O destaque fica no segmento que estudou até a 4<sup>a</sup> série, que registra tendência de crescimento em torno de 5 pontos nos três levantamentos, atingindo atualmente o patamar de 59%.

**POR CLASSE SOCIAL** → Nas classes D/E houve crescimento significativo de 9 pontos percentuais.

**POR PORTE DE CIDADE** → Houve aumento expressivo de 13 pontos percentuais nas pequenas cidades do país (62%).

**POR REGIÃO** → O destaque é para a Região Nordeste, onde o nível de preocupação aumentou 9 pontos percentuais em relação à última pesquisa, passando a 64%.

Vale destacar que a preocupação com a violência doméstica em alguns segmentos oscilou dentro da margem de erro da pesquisa e em outros apresentou diminuição no percentual de preocupação.

### **Violência contra mulher em casa (total Menções)**

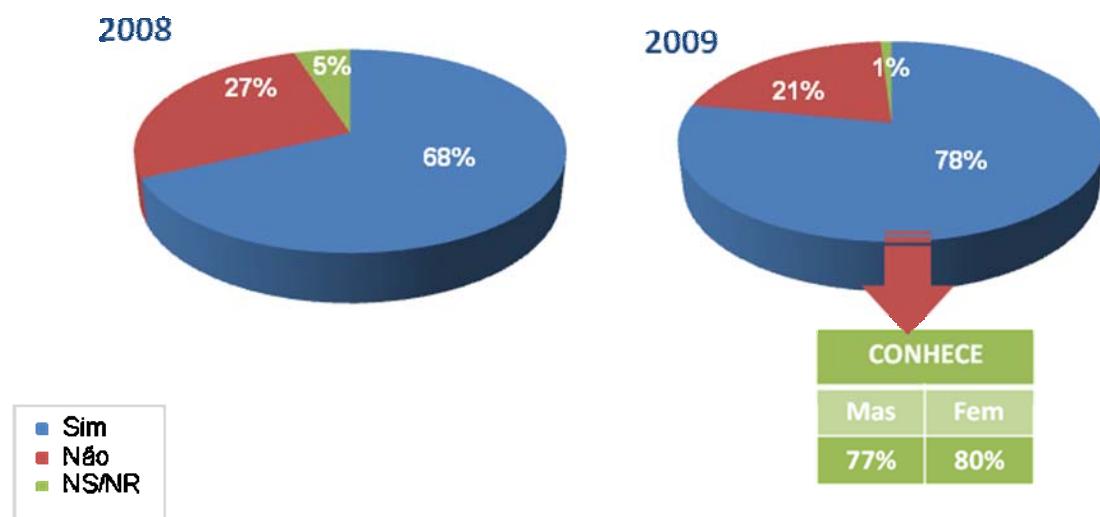
Violência dentro de casa	2004	2006	2009	Violência dentro de casa	2004	2006	2009
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>55</b>	<b>56</b>	<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>55</b>	<b>56</b>
<b>Sexo</b>				<b>TIPO DE MUNICÍPIO</b>			
<b>Masculino</b>	<b>49</b>	<b>55</b>	<b>56</b>	<b>Capital</b>	<b>55</b>	<b>56</b>	<b>54</b>
<b>Feminino</b>	<b>51</b>	<b>55</b>	<b>56</b>	<b>Periferia</b>	<b>43</b>	<b>56</b>	<b>51</b>
<b>IDADE</b>				<b>Interior</b>	<b>50</b>	<b>54</b>	<b>58</b>
<b>16 - 24</b>	<b>51</b>	<b>60</b>	<b>55</b>	<b>TAMANHO MUNICÍPIO</b>			
<b>25 - 29</b>	<b>55</b>	<b>57</b>	<b>55</b>	<b>até 20 mil eleitores</b>	<b>48</b>	<b>49</b>	<b>62</b>
<b>30-39</b>	<b>46</b>	<b>53</b>	<b>57</b>	<b>20 - 100 mil eleitores</b>	<b>49</b>	<b>55</b>	<b>57</b>
<b>40-49</b>	<b>49</b>	<b>54</b>	<b>58</b>	<b>+ 100 mil eleitores</b>	<b>51</b>	<b>56</b>	<b>54</b>
<b>50+</b>	<b>49</b>	<b>51</b>	<b>*</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO SOCIAL</b>			
<b>ESCOLARIDADE</b>				<b>Classe A/B</b>	<b>46</b>	<b>56</b>	<b>51</b>
<b>até 4<sup>a</sup> (fund.)</b>	<b>49</b>	<b>54</b>	<b>59</b>	<b>Classe C</b>	<b>47</b>	<b>54</b>	<b>54</b>
<b>5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> (fund.)</b>	<b>53</b>	<b>52</b>	<b>57</b>	<b>Classe D/E</b>	<b>53</b>	<b>55</b>	<b>64</b>
<b>Ensino médio</b>	<b>50</b>	<b>58</b>	<b>55</b>	<b>Renda</b>			
<b>Ensino superior</b>	<b>47</b>	<b>55</b>	<b>49</b>	<b>+10 salários</b>	<b>43</b>	<b>45</b>	<b>58</b>
<b>REGIÕES</b>				<b>5 - 10 salários</b>	<b>47</b>	<b>55</b>	<b>50</b>
<b>Norte / Centro Oeste</b>	<b>62</b>	<b>62</b>	<b>57</b>	<b>2 - 5 salários</b>	<b>52</b>	<b>54</b>	<b>55</b>
<b>Nordeste</b>	<b>53</b>	<b>55</b>	<b>64</b>	<b>1 - 2 salários</b>	<b>50</b>	<b>57</b>	<b>57</b>
<b>Sudeste</b>	<b>47</b>	<b>54</b>	<b>53</b>	<b>até 1 salário</b>	<b>52</b>	<b>56</b>	<b>63</b>
<b>Sul</b>	<b>45</b>	<b>51</b>	<b>49</b>				

(1<sup>a</sup> + 2<sup>a</sup> + 3<sup>a</sup> lugar), respostas múltiplas

Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

## Cresce Conhecimento da Lei Maria da Penha

Houve expressivo aumento do conhecimento da Lei Maria da Penha de 2008\* para 2009



Base: Amostra (2002)

Fontes: Ibope / Themis (2008); Ibope Instituto Avon (2009).

Pergunta: Você conhece, ainda que de ouvir falar, a Lei Maria da Penha?

A Lei Maria da Penha é mais conhecida nas regiões Norte e CentroOeste, onde 89% dos entrevistados conhecem a Lei. No Nordeste a taxa de conhecimento é de 86%, e no Sul e Sudeste é de 73%.

No conjunto do país, a população com menor renda familiar (até 1 salário mínimo) ou escolaridade (até a 4<sup>a</sup> série) e moradores da periferia está no patamar mais baixo de conhecimento da Lei, mas ainda assim as taxas são altas: respectivamente, de 75%, 69% e 71%.

O maior conhecimento da Lei Maria da Penha nas regiões Norte, CentroOeste e Nordeste provavelmente guarda relação com um ambiente aquecido de debate público promovido pelo ativismo dos movimentos sociais de mulheres, que com suas vigílias, apitaços, denúncias sobre a não-aplicação da Lei, contagem de homicídios de mulheres e intervenções junto à mídia criaram um contexto de maior debate e difusão de informações.

\* A Pesquisa Ibope / Themis foi realizada em junho de 2008

## Tabelas mostram segmentação do conhecimento

Faixa etária	Conhece	Escolaridade	Conhece
16 a 24	77	> 4 <sup>a</sup> série Fund	69
25-29	84	5 <sup>a</sup> - 8 <sup>a</sup> Fund	77
30-39	84	Ensino Médio	82
40-49	76	Superior	93
50+	74		

Região	Conhece	Condição do município	Conhece
Norte/C.Oeste	89	Capital	83
Nordeste	86	Interior	78
Sudeste	73	Periferia	71
SUL	73		

Renda	Conhece	Classe	Conhece
> 1 sal	75	AB	85
1 - 2 sal	75	C	79
2 - 5 sal	80	C/E	71
5 - 10 sal	83		
+10 sal	89		

Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

## Maioria defende prisão do agressor; mas 11% pregam a participação em grupos de reeducação como medida jurídica

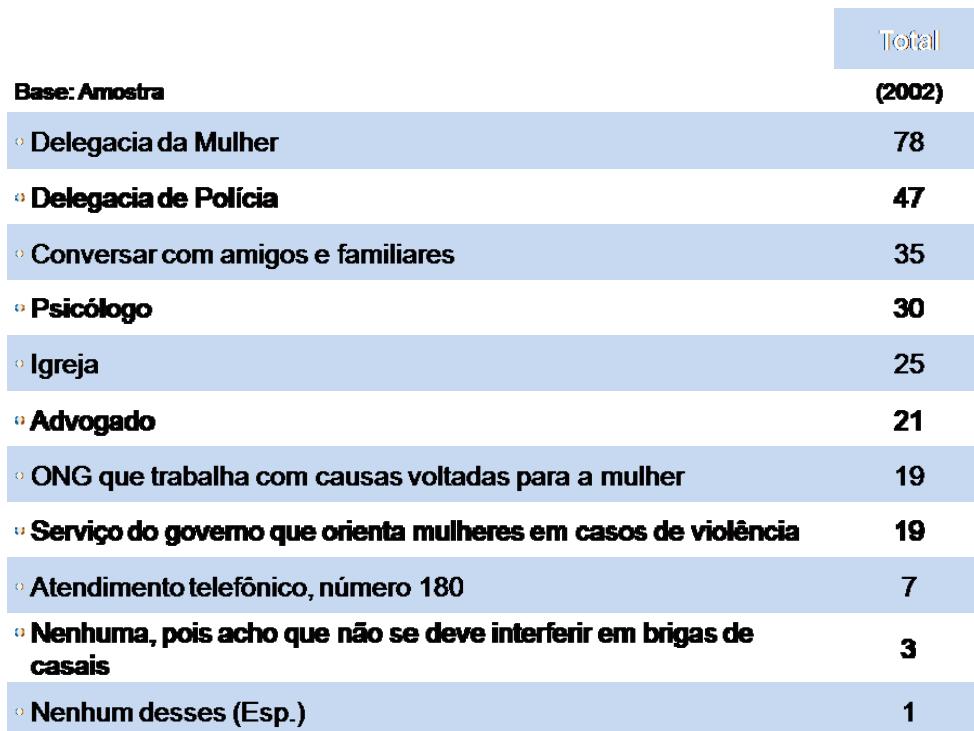
A prisão do agressor como medida jurídica é defendida por 51% dos entrevistados, enquanto em 2006 eram 64% os que pensavam assim. Hoje, 11% defendem a participação em grupos de reeducação para agressores, uma das medidas jurídicas previstas na Lei Maria da Penha, que obriga o governo a oferecer condições para tal.

## 78% indicariam a delegacia da mulher como local para pedir ajuda

A maioria dos entrevistados – 78% – disseram que, sabendo de alguma mulher agredida, indicaria a ela que procurasse a delegacia da mulher. Sabe-se que essa indicação não corresponde à realidade da oferta de serviços no país. Existem apenas 410 delegacias da mulher, que se concentram nas grandes cidades.

O fato de moradores de pequenas e distantes cidades indicarem a delegacia da mulher, que não existe num raio de centenas de quilômetros, pode ser interpretado como a manifestação de uma demanda e, ao mesmo tempo, como uma idealização deste tipo de serviço.

## Delegacia da Mulher tem grande apelo



(1<sup>a</sup> + 2<sup>a</sup> + 3<sup>a</sup> lugar), respostas múltiplas

Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

Pergunta: Pensando no que existe disponível atualmente em sua cidade, que tipo de ajuda você indicaria a alguém que esteja sofrendo violência doméstica? E em segundo lugar? E em terceiro lugar?

## Na prática, a maioria não confia na proteção jurídica e policial à mulher vítima de agressão

40% dos entrevistados disseram que a mulher pode confiar na proteção das instituições jurídicas e policiais. Entretanto, 56% se mostram céticos com relação a essa proteção. 25% dos entrevistados afirmaram que as leis não são eficientes para garantir esta segurança.

Esse quadro não mudou mesmo para aqueles que disseram conhecer a Lei Maria da Penha. Outros 13% disseram que os policiais consideram outros crimes mais importantes e que 11% não acreditam na seriedade da denúncia. Para 7%, juízes e policiais são machistas. Essa descrença da aplicação prática da Lei não tem diferenças significativas quando se consideram escolaridade, região, tamanho do município e renda familiar.

As respostas acima permitem concluir que, embora acreditando que hoje a mulher está mais protegida legalmente, a maioria dos entrevistados não confia nas pessoas que estão à frente do aparato do Estado, justamente aquelas responsáveis por fazer cumprir a lei e consequentemente proteger a mulher agredida.

### Opinião sobre confiança na proteção jurídica e policial



Base: Amostra (2002)

Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

Pergunta: Você acha que a mulher pode confiar na proteção jurídica e policial que existe hoje no Brasil para não ser vítima da violência doméstica? (Caso NÃO) Por qual desses motivos você acha que não se pode confiar na proteção jurídica e policial?

**44% acreditam que a Lei Maria da Penha já está tendo efeito**

Mesmo desacreditando nos responsáveis pelo cumprimento da legislação, um número significativo de entrevistados (44%) acredita que a Lei Maria da Penha, que prevê medidas preventivas e penas mais duras para o agressor, vai contribuir de fato para o fim da violência doméstica.

No entanto, mesmo acreditando em mudanças, 29% dizem que vai levar tempo para se ver o efeito da Lei. E 14% afirmam que as leis não são e não serão cumpridas.

### **Opinião sobre as mudanças na legislação e o impacto contra a violência doméstica**



Base: Amostra (2002)

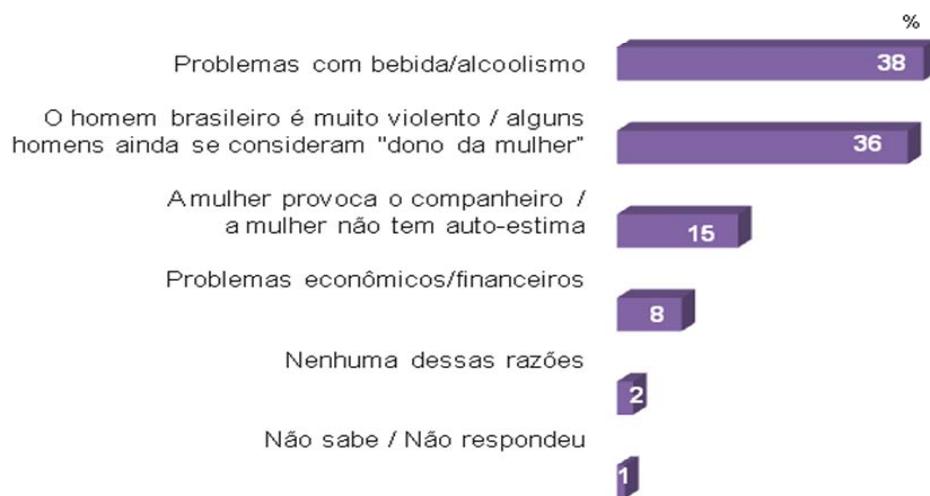
Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

Pergunta: Você acredita que as mudanças recentes na legislação brasileira, como o surgimento da Lei Maria da Penha, que prevê penas mais duras para o agressor, vai contribuir de fato para o fim da violência doméstica contra a mulher?

**Para população, questão cultural e álcool estão por trás da violência contra a mulher**

36% dos entrevistados acham que a violência doméstica ocorre por uma questão cultural, “o homem brasileiro é muito violento” e “muito homem ainda se acha dono da mulher”. Outros 38% atribuem a violência ao alcoolismo. A atribuição ao “machismo” é maior no grupo de maior escolaridade (38%). O abuso do álcool aparece mais na região Sul, no grupo com escolaridade entre a 5<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série fundamental e especialmente nas cidades menores, onde 52% relacionam a violência doméstica ao álcool.

### **Por que a violência doméstica acontece? (Uma opção)**



*Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.*

*Pergunta: Você acredita que a violência doméstica contra a mulher acontece principalmente por que?*

**Exemplo dos pais e campanhas podem prevenir violência na relação entre homens e mulheres**

48% dos entrevistados disseram que o “exemplo dos pais aos filhos, com um relacionamento respeitoso e igualitário”, é a atitude mais importante para que a relação entre homem e mulher se dê com respeito e sem violência. Essa porcentagem aumenta entre os mais jovens (52%) e entre os moradores da periferia (56%).

A segunda opção são as “leis mais duras para punir o companheiro violento”, com 19%. 13% falam em campanhas educativas de prevenção na TV e no rádio; 11% destacam a mudança na criação dos filhos homens; e 8% em debates nas escolas, empresas, clubes e igrejas.

As respostas revelam que a maioria dos entrevistados acredita em prevenção da violência a partir do exemplo dos pais e de debates nos locais onde os jovens se encontram. Apesar de vir em segundo lugar, o endurecimento das leis como forma de prevenir a violência é defendido por um número significativamente menor, 19% dos entrevistados.

#### **Opções que podem tornar uma relação sem violência e com respeito**

	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	4º Lugar	5º Lugar
<b>Base: amostra (2002)</b>					
Que os pais dêem o exemplo aos filhos, com um relacionamento respeitoso e igualitário	48	26	12	6	5
Leis duras para punir o companheiro violento	19	19	24	19	16
Campanhas educativas de prevenção da violência contra a mulher na TV e no rádio	13	24	25	20	14
Mudanças na criação dos filhos, especialmente os meninos	11	14	15	22	36
Debates nas escolas, empresas, clubes e igrejas para falar sobre o assunto com a sociedade	8	15	21	29	24
<b>Não sabe / Não respondeu</b>	1	2	3	3	5

Fonte: Ibope / Instituto Avon, 2009.

*Pergunta: Dessas opções, qual é a mais importante para que a relação entre homem/mulher se torne uma relação sem violência e com respeito?*

## **Questões em destaque entre os temas que mais preocupam as mulheres brasileiras atualmente**

### **O crescimento da preocupação com a Aids saltou 21% pontos percentuais em quatro anos**

Na atual pesquisa, 51% disseram que o crescimento dos casos de Aids no grupo feminino era o tema que mais preocupava as mulheres, 4% pontos abaixo da preocupação com a violência doméstica. Em 2006 eram 30%, e em 2004, 26%.

O resultado merece melhor análise e atenção de especialistas e dos movimentos sociais. Enquanto a violência contra a mulher vem ganhando visibilidade – especialmente por conta da Lei Maria da Penha e dos casos destacados pela imprensa –, a Aids vem perdendo espaço na mídia. Mesmo os números divulgados pelo Ministério da Saúde alertando para o aumento das infecções pelo HIV entre mulheres não têm tido ressonância nos meios de comunicação que justificam essa preocupação.

### **Temas que mais preocupam a mulher atualmente (soma das 3 menções)**



(1<sup>a</sup> + 2<sup>a</sup> + 3<sup>a</sup> lugar), respostas múltiplas

Fontes: Ibope / Instituto Patrícia Galvão (2004 e 2006); Ibope / Instituto Avon (2009).

Pergunta: Aqui estão alguns assuntos que as mulheres têm, nos últimos tempos, discutido bastante. Na sua opinião, pelo que você sabe ou ouve falar, qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente? (1<sup>a</sup> + 2<sup>a</sup> + 3<sup>a</sup> lugar)

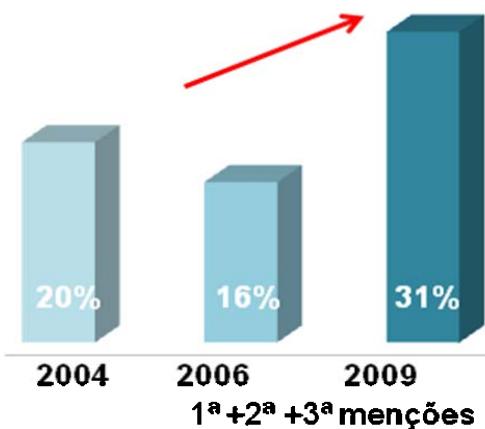
## Formas de evitar filhos sobe no ranking de preocupação

Em relação à 2006, praticamente dobrou o percentual dos entrevistados que disseram que a forma de evitar filho é o tema que mais preocupa a mulher, passando da taxa de 16% (2006) para 31% (2009).

No ranking de preocupações, esta questão saltou da sétima posição em 2006 para a quarta posição em 2009.

Este aumento no percentual de preocupação pode ser atribuído aos serviços criados pelo governo e as campanhas veiculadas na TV e no rádio pelo Ministério da Saúde no ano de 2008.

De maneira geral há homogeneidade de percepção sobre a questão em todos os segmentos da amostra, com índices no patamar da média total de 31%.



Fontes: Ibope / Instituto Patrícia Galvão (2004 e 2006); Ibope / Instituto Avon (2009).

## 31% citam preocupação com câncer de mama e útero

Doenças como Câncer de Mama e útero permanecem como um dos temas centrais da agenda, porém, tiveram sua importância relativizada frente ao aumento da preocupação com outras questões – AIDS e Formas de evitar filhos.

Essa relativização pode estar relacionada ao recrudescimento do assunto na mídia de massa, deixando de ser tão mencionado pelos meios de comunicação como no passado recente. Em 2006 a menção dos entrevistado foi 44% e em 2009, 31%.